



UnB

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

YAG:

uma zine sobre relações aquileanas (LGBTQIA+)

Vinicius Alves Rodrigues de Matos.
160019681

Brasília
2023

Vinicius Alves Rodrigues de Matos

YAG:
uma zine sobre relações aquileanas (LGBTQIA+)

Memorial descritivo sobre a criação da YAG Zine, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Orientador: Luciano Mendes de Souza

Brasília
2023

Vinicius Alves Rodrigues de Matos

YAG:
uma zine sobre relações aquileanas (LGBTQIA+)

Memorial descritivo sobre a criação da YAG Zine, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Orientador: Luciano Mendes de Souza

BANCA EXAMINADORA

Prof. Luciano Mendes de Souza
Orientador

Prof. Eduardo Bentes Monteiro
Examinador

Prof. Célia Matsunaga
Examinadora

Prof. Rafael Dietzsch
Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente quem participou da produção deste trabalho, os entrevistados e aqueles que aceitaram o convite para os ensaios como o Gu da cei, Matheus, Andrews e Victor. Agradeço também às minhas amigas Estela Barros e Bruna Montes que participaram dando suporte na produção das fotos, agradeço ao meu orientador Luciano pela paciência e dedicação durante o processo deste projeto.

Agradeço também aos meus amigos e familiares e principalmente aos professores que me incentivaram durante o ensino médio a batalhar para estar em uma universidade pública, local onde mais pessoas periféricas deveriam estar ocupando e podendo com a educação mudar sua realidade social.

Resumo:

O seguinte estudo visa entender a construção histórica e visual das fanzines e do punk, para que desse modo, possa servir como base para a produção de uma zine sobre o universo gay (relações aquileanas). Para a elaboração da mesma foram feitas entrevistas entre homens gays, bissexuais e pansexuais, selecionado quatro narrativas, sendo feito ensaios fotográficos e por fim a produção de uma zine.

Palavras-chave: Comunicação social, Fanzine, Zine, Punk, Entrevista, Fotografia, LGBTQIAP+.

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Problema de pesquisa.....	10
3. Justificativa.....	11
4. Objetivos.....	12
4.1 Objetivo Geral.....	12
4.2 Objetivos Específicos.....	12
5. Referencial Teórico.....	12
5.1 Zine.....	14
5.2 Punk.....	17
5.3 Queercore.....	21
5.4 LGBTQIA+ Universo gay (relações aquileanas).....	23
5.5 Projeto Gráfico/ Estética	24
6. Produto.....	30
6.1 Metodologia	30
6.2 Entrevistas	31
6.3 Ensaios.....	32
6.4 Projeto gráfico.....	32
7. Considerações finais.....	38
8. Referências bibliográficas.....	40

Lista de Figuras

Figura 1 - Capa da fanzine The Comet.....	15
Figura 2 - Foto do diário da Frida Kahlo.....	16
Figura 3 - Exemplar do “ Intercâmbio Ciência-Ficção Alex Raymond”.....	16
Figura 4 - Capas das fanzines Sniffin’ Glue.....	19
Figura 5 - Capas de Fanzines punks Brasileiras.....	20
Figura 6 - Páginas da J.D.S.....	22
Figura 7 - Páginas da J.D.S.....	22
Figura 8 - Páginas da J.D.S.....	23
Figura 9 - Polaroids Robert Mapplethorpe.....	25
Figura 10 - Robert Mapplethorpe.....	26
Figura 11 - Capa da KCT Zine.....	27
Figura 12 - Imagens da KCT Zine.....	27
Figura 13 - Lambe lambe da KCT Zine.....	28
Figura 14 - Páginas da Uncut.....	29
Figura 15 - Páginas da Uncut.....	29
Figura 16 - Revista Made in Brazi.....	30
Figura 17 - Moodboard.....	33
Figura 18 - Versão inicial.....	33
Figura 19 - Segunda versão.....	34
Figura 20 - Capa versão 2.....	34
Figura 21 - Capa segunda versão.....	35
Figura 22 - Versão 3.....	35
Figura 23 - versão 3 página.....	36
Figura 24 - versão 3 página.....	36
Figura 25 - versão 3 página.....	37

1. Introdução

Em 28 de Junho se comemora o dia do orgulho LGBTQIA+¹, a escolha da data decorre pelo evento histórico de 1969, conhecido como Rebelião de Stonewall, onde protestantes saíram às ruas de Nova Iorque pedindo liberdade e respeito depois de uma abordagem violenta da polícia no clube gay Stonewall Inn. No ano seguinte na mesma data outras cidades se mobilizaram em protestos nos Estados Unidos, e posteriormente cidades ao redor do mundo fizeram o mesmo, marcando a data como o dia do orgulho.

Historicamente foi se excluindo e marginalizando tudo que fosse contra padrões heteronormativo, sendo até mesmo criminalizado e por muitos anos sendo parte do quadro de doenças mentais no Brasil e no mundo, até que a OMS em 1990² retirou o homossexualismo do quadro de doenças, mais de 30 anos depois, cerca de 70 países continuam proibindo a homossexualidade.

Com o passar dos anos a sigla GLS foi crescendo e agregando outras letras até chegar na formação atual LGBTQIA+, que é sobre questões de gênero e orientação sexual. Em comum, pelo direito de viver, de se expressar e visibilidade, mas cada letra tem sua peculiaridade, como por exemplo pessoas trans na luta por banheiros unissex, nome social e por vagas de emprego já que 90% dessa população tem a prostituição como fonte de renda².

Neste projeto o intuito é abordar parte da comunidade LGBT, uma subcultura dentro dessa cultura, na tentativa de discutir temas mais específicos e questões individuais. A escolha inicial foi em abordar a cena gay, uma comunidade com sua cultura já bem demarcada com até mesmo gírias, aplicativos e baladas temáticas. Durante o processo das entrevistas para a elaboração da zine, alguns

¹ Site Simple Organic. **Saiba o que significa cada letra da sigla LGBTQIAP+.**

Disponível em: <https://simpleorganic.com.br/blogs/simple-blog/sigla-lgbtqia> . Acesso em 23 de janeiro de 2023.

² Site Edição do Brasil. **90% da população trans no Brasil tem prostituição como fonte de renda**

Disponível em <https://edicaodobrasil.com.br/2021/05/28/90-da-populacao-trans-no-brasil-tem-prostituicao-como-fonte-de-renda/> Acesso em 23 de janeiro de 2023.

participantes se denominavam como bissexuais e pansexuais, em comum, terem se relacionado com outros homens, participando assim dos mesmos dilemas como outros gays.

Popularmente uma relação entre dois homens é chamada de gay, mas o termo específico para retratar esse tipo de relacionamento dentro da comunidade lgbtqia+ seria relação aquileana³, que é sobre um homem que sente atração por outros homens, exclusivamente ou não. Podendo ser um relacionamento entre dois ou mais homens, incluindo assim homens bi ou pan na formação, o termo surge para não invisibilizar homens bissexuais e pansexuais.

Subcultura é um termo que será utilizado no decorrer deste projeto, mas que é questionável por ter o sufixo sub que significa inferioridade, substituição ou aproximação ao original, uma cultura inferior, mas que é largamente utilizado, popular, por isso o motivo em continuar a usar no decorrer do projeto.

O título da zine vem da linguagem própria da comunidade, suas gírias individuais, YAG, o nome significa gay de trás para frente, o termo usado por pessoas da comunidade LGBT principalmente no Twitter, uma rede social, a gíria é para mencionar alguém gay, o principal ponto de discussão dessa comunidade é sobre masculinidade, repressão, o armário psicológico é construído na infância, pelo aprisionamento ao padrão de masculinidade, tudo aquilo que remete ao feminino é visto como inferior no universo dos homens, logo ao demonstrar qualquer trejeitos é reprimido.

O intuito deste projeto é questionar como é se relacionar com pessoas que foram reprimidas durante a vida toda, como é visto a masculinidade entre os gays, se existe uma toxicidade na própria comunidade. Homens afeminados tendem a ser excluídos pelos seus trejeitos fora do padrão, desde da Grécia antiga existia o tabu da submissão, em regra, o mais velho não poderia ser o passivo da relação por estar se submetendo ao papel atrelado ao feminino.

Comum em revolta e reivindicações, nos anos 70, um movimento surge nos Estados Unidos, com o contexto histórico de uma geração passando pela guerra do Vietnã, uma geração após os hippies dos anos 60, que tem como característica resolver as coisas com paz e amor, o punk, chega por uma nova geração, revoltada

³ Ecloniq, O que é Aquileano LGBT? janeiro 7, 2022 Disponível em: <https://ecloniq.com/o-que-e-aquileano-lgbt-confira-isto-aquiliano-lgbt/> acesso em 30 de janeiro de 2023.

pela situação social, contra o sistema capitalista, um movimento anarquista, ou seja, contra qualquer hierarquia ou dominação, seja política, social e econômica, mobilizado por uma juventude, principalmente unida pela música.

A principal característica do movimento punk foi o artesanal, sem auxílio de gravadoras, jornais e revistas, em inglês o termo “DIY”, “do it yourself”, em português o “faça você mesmo”, foi o ponto chave da popularização do punk. Artistas gravavam suas músicas de forma improvisada e buscavam locais para fazer seus shows de forma independente. Assim foi se criando uma subcultura paralela ao que se passava nos meios de comunicação tradicionais.

Com a popularização do punk entre os jovens surge a demanda por meios de informação, divulgação e debate sobre a cena que se estava sendo vivida, um dos meios encontrado foi a fanzine, criada anteriormente nos anos 30 atendendo a outra subcultura a dos fãs de ficção científica, as fanzines tiveram um papel fundamental da identidade do punk e outros subgêneros posteriormente.

As fanzines não contém regras editoriais, sendo feitas de forma orgânica, podendo seguir padrões editoriais parecidos com jornais e revistas ou experimentais. Sendo utilizada como porta voz sobre a cena local, por críticos, por artistas para divulgação de shows e músicas, além do visual característico da estética punk retratado por fotos e entrevistas das bandas. A produção era feita artesanalmente, com colagens, textos feitos com caneta esferográfica e a impressão sendo xerox, barateando assim o custo.

Com o movimento Punk e das fanzines, surge nos anos 80/90 o Queercore, uma subcultura derivada do punk hardcore, com sua principal característica ser contra homofobia, misoginia e transfobia, partindo das mesmas ideologias fundamentalistas do punk, mas tentando retratar e discutir a realidade da comunidade lgbtqia+ que durante essas décadas foi marcado pelo surto de HIV/AIDS que foi vinculado principalmente aos gays.

O intuito deste projeto é unir a revolta e reivindicações da subcultura gay, dentro do universo LGBTQIA+, sobre as relações aquileanas, junto com a estética do movimento punk, o queercore, por meio de uma zine fotográfica, debatendo questões de interesse da própria comunidade.

2. Problema de Pesquisa

Como utilizar a produção de uma fanzine punk e fotográfica para representar o universo gay e as relações aquileanas?

3. Justificativa

Este projeto tem o intuito de ir além de dar visibilidade no universo heteronormativo, é criar uma rede de reflexão onde dilemas e vivências possam ser compartilhadas entre pessoas da própria comunidade, a escolha por uma zine se encaixa em ser um meio de comunicação que não visa o lucro ou popularidade como jornais e revistas, mas sim um meio de se encontrar e se encaixar, desde das primeiras versões onde atendia fãs de ficção científica, onde os leitores só buscavam uma rede de informações sobre o tema e pessoas que assim como eles pensavam e discutiam sobre a temática.

Existe também a questão social, a violência contra homens gays ainda está entre as mais altas, cerca de 45% entre os LGBTQIA+ segundo dados do site do observatório de mortes e violências⁴, da qual está atrelado ao preconceito, além de muitos ainda serem expulsos de casa ou sofrer violência pela própria família⁵

Nos meios de comunicação tradicionais que fomentaram a criação de estereótipos e preconceitos sobre gays, principalmente sobre os afeminados no imaginário coletivo, popularizando papéis sendo feitos por homens héteros, que na maioria performam personagens caricatos, criando um imaginário coletivo sobre homens gays, além da falta de protagonismo entre os mesmos.

Esses mesmos estereótipos que ajudam a criar um armário imaginário, mesmo assumido, alguns ainda vivem de forma aprisionada em não dar pinta ou trejeitos em ambientes sociais. a criação da zine com entrevistas e ensaios

⁴ Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+. Mai.de 2021. O Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>. Acesso em: 23 de janeiro. 2023.

⁵ Casa Vogue. 8 de jun. de 2020. Fora de casa: vida dos LGBTs expulsos pela família e acolhidos na rua. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2020/06/fora-de-casa-vida-dos-lgbtis-expulsos-pela-familia-e-acolhidos-nas-ruas.html>. Acesso em: 23 de janeiro. de 2023

fotográficos tem o intuito de trazer auto estima, além de discutir sobre como todas essas informações os afetam no dia a dia e nas relações entre si.

4. Objetivos

4.1 Objetivo geral

Produzir uma zine punk sobre relações aquileanas.

4.2 Objetivos Específicos

- Pesquisar sobre os temas punk e fanzine
- pesquisar sobre fotografia e projeto gráfico
- Produzir ensaios fotográficos e entrevistas com homens Gays, Bissexuais e Pansexuais sobre o tema relações aquileanas
- Buscar referências visuais sobre zine e fotografia punk
- Diagramar uma fanzine com o material produzido

5. Referencial Teórico

O processo de elaboração da memória deste projeto foram encontrados alguns trabalhos de conclusão de curso feitos na faculdade de comunicação da Universidade de Brasília sobre a temática lgbtqia+ e que efetuaram trabalhos fotográficos/fotolivros como produto final, e que posteriormente serviram de embasamento para a formação deste trabalho.

O trabalho da Isabella Silveira Monteiro, “um fotozine sobre a saída do armário na vida de pessoas LGBTQIAP+”, com relatos em forma de entrevistas e ensaios fotográficos sobre o peso de crescer guardando o segredo sobre sua sexualidade ou identidade de gênero. O diferencial do trabalho é a busca de

representatividade em diferentes personagens, esse segredo é visto de diferentes perspectivas e os ensaios uma forma lúdica em lidar com um tema complexo.

O movimento evoluiu e ganhou dissidências que tem suas necessidades específicas, por exemplo, uma travesti tem demandas políticas diferentes de uma mulher lésbica cis, pessoas trans muitas vezes não têm a opção de se esconder dentro de um armário e pessoas queer pretas passam por opressões racistas. (Monteiro 2022, pag 61)

Outro trabalho que destaco é do Fernando Rodrigues de Barros Holanda, o “Arena subversiva: Retratos da nudez homossexual masculina”. Neste projeto é feito um fotolivro, com ensaios fotográficos e entrevistas, com 7 participantes, com corpos diferentes, com inseguranças sobre si mesmo em meio aos padrões de beleza masculino, o interessante dos relatos é sobre o processo de realização dos ensaios nus e os relatos sobre suas histórias, e como ser fotografado trouxe empoderamento de alguma maneira

Expressamos nossa sexualidade por intermédio do corpo. Esse, de acordo com o meio em que está inserido, é cortado, mutilado, perfurado, para que se encaixe nos padrões. (Holanda p 22. 2019).

Por fim, o trabalho “Para além do espelho - Um Ensaio Fotográfico Sobre Identidades TRANS” da Julia de Lannoy Coimbra Tavares, no processo deste produto foi selecionado 5 personagens trans, com a mais diversificação entre cor, gênero e sexualidade e transformado em um fotolivro que transmitisse a desmistificação do imaginário sobre pessoas trans e transformando em representatividade a um grupo invisibilizado na maioria das vezes.

A carência de representatividade e a representação equivocada de nossos corpos e identidades também é fator que soma a esse contexto de discriminação e hostilidade. Nesse sentido, a fotografia torna-se uma linguagem poderosíssima para fomentar a educação social e articular transformações. (Tavares, 2021 p.12)

Todos os trabalhos relatados serviram de algum modo de inspiração para a construção deste projeto, o interessante das propostas é como cada um atende a

comunidade LGBTQIA+, dando visibilidade, mas com sua peculiaridade, pela temática ser densa e possível de ser abordada de inúmeras maneiras, mesmo utilizando em comum da fotografia e diagramação de editoriais.

Para a construção deste projeto, o trabalho da Isabella Silveira Monteiro serviu como guia sobre a construção do imaginário sobre masculinidade, o do Fernando Rodrigues como base do tema sobre homens gays e as relações com seus próprios corpos e como isso afeta as suas relações em geral e por último. O trabalho da Julia de Lannoy serviu de referência em como buscar uma naturalidade nas fotografias e nas entrevistas abordadas.

5.1 Zine

Zine é uma produção independente, com baixa tiragem e geralmente feita de forma manual, o nome em inglês deriva da palavra magazine, em português revista, popularmente conhecida como Fanzine, pela origem histórica de surgir por subgrupos que não encontravam espaço em grandes publicações, criando assim pequenas tiragens com temáticas específicas em que eram fãs, geralmente com teor filosófico ou político, mas podendo atingir temas como fotografia, ficção científica, música, quadrinhos, qualquer temática, pois as zines são experimentais, não existe regras ao se fazer uma.

Seus autores divulgam o que querem, pois não estão preocupados com grandes tiragens nem com lucro; portanto, sem as amarras do mercado editorial e de vendas crescentes. (MAGALHÃES, 1993, p. 10)

No livro “Notes from Underground: Zines and the Politics of Alternative Culture” Duncombe destaca o início das publicações nos anos 30 e a liberdade artística e editorial das fanzines, iniciado por grupos fãs de ficção científica, depois sendo popularizado e democratizado por outros subgrupos e gêneros.

Figura 1- Capa da fanzine The Comet⁶ de Ray Palmer - uma das primeiras publicações do gênero.



As zines tiveram seu auge nos anos 60 e 70 nos Estados Unidos, por questões políticas e sociais, a população começou a questionar a cultura e política vigente da época, elementos que se alinharam com a proposta das publicações, o poder de se expressar de forma democrática.

Alguns gêneros artísticos podem ser identificados visualmente nas zines, como o dadaísmo e o surrealismo, principalmente pelas colagens, também podemos identificar semelhança com diários de alguns artistas pela liberdade artística.

⁶ figura encontrada em: Fonte figura <https://factorzeroblog.wordpress.com/2019/01/19/zine-culture/> acesso em 23 de janeiro de 2023

Figura 2- foto do diário da Frida Kahlo.⁷



No Brasil a primeira fanzine que se tem conhecimento é o “Intercâmbio Ciência-Ficção Alex Raymond” feita por Edson Rontani com a ideia de informativo sobre ficção científica, sendo impressa em mimeógrafo⁸ a álcool, variando entre dez e doze páginas (MAGALHÃES, 1993, p. 39) tendo como conteúdo histórias sobre artistas e personagens, além de um catálogo de compra e venda de hqs, uma troca da experiência do autor com outros fãs do gênero, as cópias eram enviadas por correios.

Figura 3 - Exemplar do “ Intercâmbio Ciência-Ficção Alex Raymond” de Edson Rontani.⁹

⁷ figura encontrada em: <https://nerdizmo.uai.com.br/o-diario-ilustrado-de-frida-kahlo/> acesso em 23 de janeiro de 2023

⁸o que é o mimeógrafo?

<https://olhardigital.com.br/2022/01/26/tira-duvidas/cheiro-de-alcool-na-sala-voce-sabe-o-que-era-um-mimeografo/> Acesso em 23 de janeiro de 2023

⁹ figura encontra em: <https://nanquim.com.br/fanzine-ficcao/> 23 de janeiro de 2023



Uma importante ferramenta que ajudou a democratizar as fanzines foi as fotocopiadoras, antes disso os mimeógrafos eram a forma encontrada para fazer as cópias, com sua popularização nos anos setenta, tornou possível o barateamento das cópias. A marca criadora da tecnologia se chamava Xerox, o nome acabou ficando no imaginário coletivo, sendo utilizado até hoje para se designar ao ato de tirar cópias.

5.2 Punk

Segundo O'Hara (2005) existem duas versões sobre o surgimento do punk, a primeira nos Estados Unidos nos anos 60/70 com o berço do estilo musical e na Inglaterra nos anos 70 com a formação estética/visual do que conhecemos atualmente como estilo punk. Em comum entre as duas, está a ideia do "DIY" em português "faça você mesmo"

O punk apareceu como uma nova subcultura juvenil que se articulou, ao mesmo tempo, em torno de uma reversão musical do rock e de um modo de vestir inusitado e extremamente "anormal", como calças rasgadas e moicanos (Abramo 1994)

Historicamente eram grupos que não se sentiam representados pelos meios de comunicações e pela política, considerado uma subcultura que se opunha a indústria cultural vigente que era elitista, no sentido de ter o controle dos meios de

comunicação tradicionais, enquanto a formação principal, eram jovens periféricos que encontravam no punk uma forma de se expressar, de dar voz à indignação em comum de um grupo, existindo também um academicismo pelos críticos, em criticar negativamente as músicas das bandas, por terem poucos acordes em comparado a gêneros mais eruditos, não reconhecendo a relevância do movimento na época.

Conhecido por ser um gênero famoso comercialmente marcando a década de 70, mas sem grandes investimentos, a ideia do “DIY” foi a forma de popularizar o gênero entre os jovens, além de ser acessível musicalmente, por conter poucos acordes em suas melodias, existiu resistência das gravadoras, que preferiam o disco.

as indústrias fonográficas demonstraram pouco interesse, em contrapartida ao sucesso das músicas de discotecas. Assim, um músico punk, se quisesse ter um público, teria de alugar com o próprio dinheiro os salões para se apresentar. Se quisesse gravar um show ou uma demo-tape, teria de financiá-lo sozinho. E, se quisesse falar sobre sua música, teria de criar um fanzine. (Carlos. Gerlan. 2018 p. 77)

O punk se populariza ao redor do mundo nos anos 80, expondo os tabus e taras de uma sociedade conservadora, chegando a ter subgrupos como riot grrrls, pela luta feminista e o anarcopunks, grupo relacionado com a ideologia anarquista. No Brasil o punk chegou por meio de algumas publicações que retratavam como uma tendência de moda, modismo, em outras como um grupo violento. “sendo mostrado de forma dúbia, ora como um novo modismo, ora como um movimento autêntico de resistência às práticas culturais hegemônicas”. (Gallo 2010).

No Brasil se popularizou inicialmente pela periferia do ABC paulista e depois por outras regiões do país. Existiu também o fator político, a existência da ditadura, o que fomentou a popularização do gênero pela característica de ser uma forma acessível de expressão popular, mas tendo problemas com a censura e perseguições. “A identidade punk é construída coletivamente através da soma de fatores como a música, em práticas e éticas específicas, buscando sobretudo contestar o que não se aceita da sociedade e por reivindicações próprias.” (Carlos. Gerlan. 2018 p.78).

As fanzines tem sua história atrelada ao punk, a combinação de ideologias, do “DIY” funcionava tanto musicalmente como na confecção e distribuição barata das zines, como os jornais e revistas dos anos 70 não deixavam espaço para a divulgação das bandas, as fanzines serviram de plataforma de divulgação e de discussão entre a cultura punk.

Por falta de recursos financeiros e tecnológicos, no caso dos fanzines mais antigos, muitos tinham sua montagem concluída por meio de recortes, seguidos de colagens, textos e matérias. Pelo mesmo motivo, a reprodução era feita pelo mimeógrafo, já que somente as mais estruturadas recorriam às gráficas (DEFAVARI, 2008).

Na Inglaterra a fanzine punk mais famosa era Sniffin’ Glue, nome originado da música “Now I Wanna Sniff Some Glue”, faixa de um dos discos dos Ramones, a zine ficou popular com a sua estética feita “DIY”, utilizando materiais como caneta esferográfica e escrita a mão e posteriormente copiada para distribuição, da forma mais barata possível.

Seu editor é Mark Perry, bancário, 19 anos, cabelos longos, entediado com o emprego. Então ele ouve um disco dos Ramones, assiste ao grupo ao vivo, acha ótimo e decide escrever uma crítica a respeito. Escreve oito páginas e tira 200 cópias, em xerox, no escritório da namorada. E passa adiante. Corta o cabelo, compra calças justas e meias fosforescentes, larga o emprego e torna-se Mark P. Com a explosão do Punk, o Fanzine cresce tanto que se torna o porta-voz do movimento. No número 4, a tiragem passa para 1000 cópias e no número 10 já é internacional, com 8000 cópias, impresso em off-set. (BIVAR, 1998, p. 51)

Figura 4- Capa das fanzines Sniffin’ Glue¹⁰

¹⁰ Figura encontrada em: [:https://hero-magazine.com/article/60992/talking-punk-zines-and-independent-publishing-with-sniffin-glue-founder-mark-perry](https://hero-magazine.com/article/60992/talking-punk-zines-and-independent-publishing-with-sniffin-glue-founder-mark-perry) acesso em 23 de janeiro de 2023.

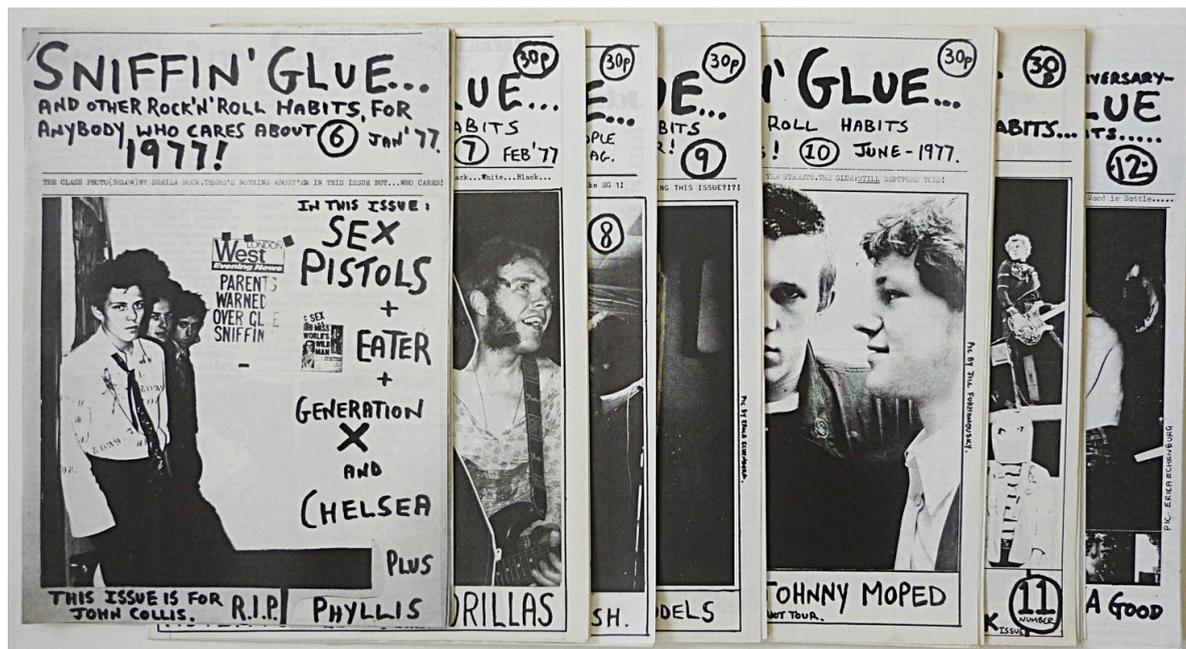


Figura 5 - Capas de Fanzines punks Brasileiras¹¹

¹¹ Figura encontrada

em: http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1462650377_ARQUIVO_Artigo-Fanzines.pdf 23 de janeiro de 2023



O trabalho “Fanzine e subcultura punk: produção, consumo e identidade na cena brasileira” da Giovana Santana Carlos e da Gabriela Cleveston Gelain, um artigo que aprofunda a história das fanzines no Brasil e no mundo. Ao final, as pesquisadoras analisaram 67 fanzines punks brasileiras, sobre o conteúdo e a identidade visual aplicada.

Existem fanzines que fogem ao que é notadamente reconhecido como estética punk, ou seja, uma imagem suja, poluída, com recortes e colagens, os quais poderiam ser confundidos com qualquer outro fanzine (ou mesmo publicação impressa), mas seus conteúdos textuais são notadamente punk ao trazerem entrevistas com bandas, coberturas/imagens de show, textos críticos e manifestos. Ou seja, mesmo com uma estética demarcadamente conhecida como “punk”, esta subcultura é mais complexa, sendo mais corretamente relacionada a conteúdos de protestos sociais, assim como sendo fãs de bandas do estilo musical. (Carlos. Gerlan. 2018 p. 82)

O Artigo aborda se existe um padrão estético entre as zines e durante o processo de catalogação destacou uma predominância em recortes e colagens. O que serviu de influência nas escolhas estéticas para a elaboração deste produto final, a Yag Zine.

5.3 Queercore

Durante a pesquisa para este projeto foi encontrado o Termo Queercore, que faz a conexão entre fanzines, punk e LGBTs. O queercore surge nos Estados Unidos e no Canadá por volta dos anos 80, uma subcultura derivada da cultura punk, dedicada a dar visibilidade a este público, com temas que abordavam assuntos relacionados a orientação sexual como homossexualidade, bissexualidade e questões de gênero, cultura queer como um todo.

Após o surgimento do riot grrrl, outras vertentes foram se desvinculando e se autonomizando da cultura punk rock e do hardcore, formando o Straight Edge e o Queercore que também se utilizam da música como forma de manifestação de suas causas. (Ribeiro, 2012, p. 229).

O termo Queer significa “estranho” termo esse que era utilizado de forma pejorativo para se designar a alguém LGBTQIA+, mas com o passar dos anos houve uma ressignificação da palavra pela comunidade, utilizando o termo para se empoderar. Nos Estados Unidos é comum utilizar o termo para designar alguém que está fora do padrão de gênero e orientação sexual, mas no Brasil o termo não foi popularizado.

O queercore, assim como o punk tem a característica do “do it yourself”, o faça você mesmo, ponto chave encontrado para dar visibilidade e voz às comunidades insatisfeitas com a norma cultural vigente, além das músicas, o destaque para as fanzines em divulgar a temática queer, como bandas, filmes e artistas, além de retratar de surto de HIV/AIDS nos anos 80 que teve uma grande vinculação aos LGBTs.

Entre as fanzines destaca-se a J.D.S, fundada em Toronto, Canadá por G. B. Jones e Bruce LaBruce entre 1985 até 1991, sendo essencial para a formação do movimento queercore.

Figura 6 - páginas da J.D.S¹²

¹² figuras encontradas em <https://archive.org/details/j.d.s/J.D.s%204/page/n19/mode/2up> disponível em 23 de janeiro de 2023.

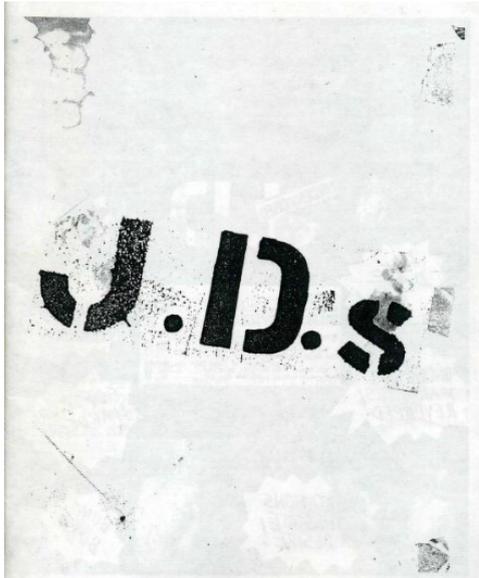


Figura 7 - páginas da J.D.S¹³

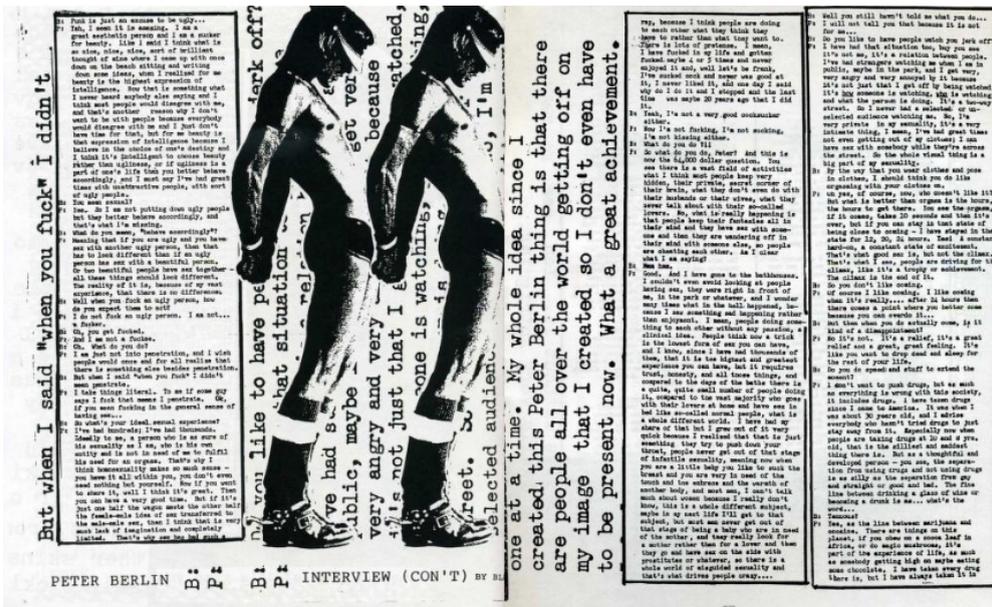
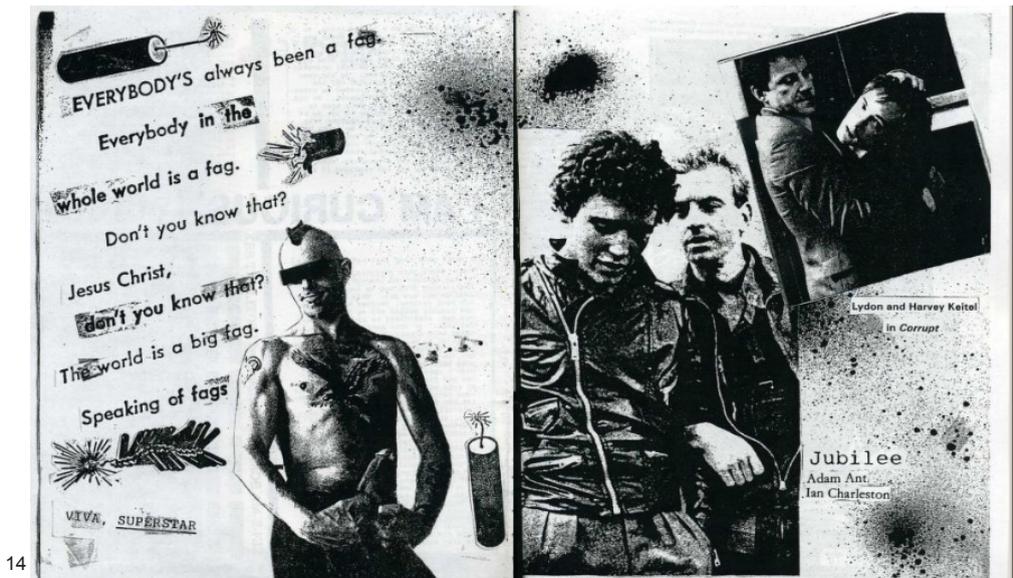


Figura 8- páginas da J.D.S

¹³ Figura encontrada em <https://archive.org/details/j.d.s/J.D.S.%204/page/n19/mode/2up> 23 de janeiro de 2023.



14

5.4 LGBTQIA+ Universo gay (Relações aquileanas)

Para entender as problemáticas no universo gay e assim nas relações entre seus indivíduos, é necessário entender gênero. A construção social do papel do homem e como é contraposto ao papel da mulher, na construção do imaginário coletivo o papel do homem é relacionado ao trabalho, dominação e poder, enquanto ao da mulher é relacionado ao trabalho doméstico e fragilidade.

Na fixação dessa padronagem em que indivíduos têm seus papéis pré definidos, tudo que for fora desse padrão é considerado estranho e assim marginalizado, assim como grupos homossexuais, que parte dele é visto e associado ao universo da feminilidade e outra parte para evitar serem excluídos utilizam da masculinidade hegemônica, se adaptando as normas estabelecida o que Sedgwick (1990) chama de armário, que seria o modo de viver aprisionado mesmo assumido, o indivíduo tenta não transparecer nenhuma anormalidade ao padrão de masculinidade.

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos,

¹⁴ Figura encontrada em <https://archive.org/details/j.d.s/J.D.s%204/page/n19/mode/2up> 23 de janeiro de 2023.

novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição.” (SEDGWICK, 1990, p. 22)

Nessa manipulação psicológica o indivíduo acaba repetindo a opressão, repetindo o ato para continuar no papel do que seria o masculino. Baptista (2018) faz em sua pesquisa sobre os aplicativos de encontros gay, uma análise, e o resultado dos dados revelou que a grande maioria se define como urso ou discreto, o primeiro termo relacionado a corpos peludos o que é associado a representação do imaginário do macho viril, e o termo discreto, o mais utilizado segundo a análise, tem a característica do indivíduo não expressar socialmente qualquer sinal que transpareça algo fora da masculinidade.

5.5 Projeto Gráfico/Estética

Para a elaboração da zine, foi feita uma busca de referências estéticas de fanzines com características punk e queercore, a ideia era referenciar as clássicas fanzines dos anos 70/80. Encontrando Assim uma padronagem, algo em comum, o “DIY”, não existindo regras entre formas, grid, hierarquia de leitura, tendo liberdade artística, podendo parecer com jornais ou não. Sendo utilizado materiais simples, como recortes, colagens, canetas esferográficas e na impressão sendo feita na maioria das vezes por cópias mimeografadas.

Na parte fotográfica a principal referência foi o trabalho do Robert Mapplethorpe durante os anos 70/80, sua história se mistura ao punk, principalmente a do queercore, pela mistura erótica, hardcore e fetichista.

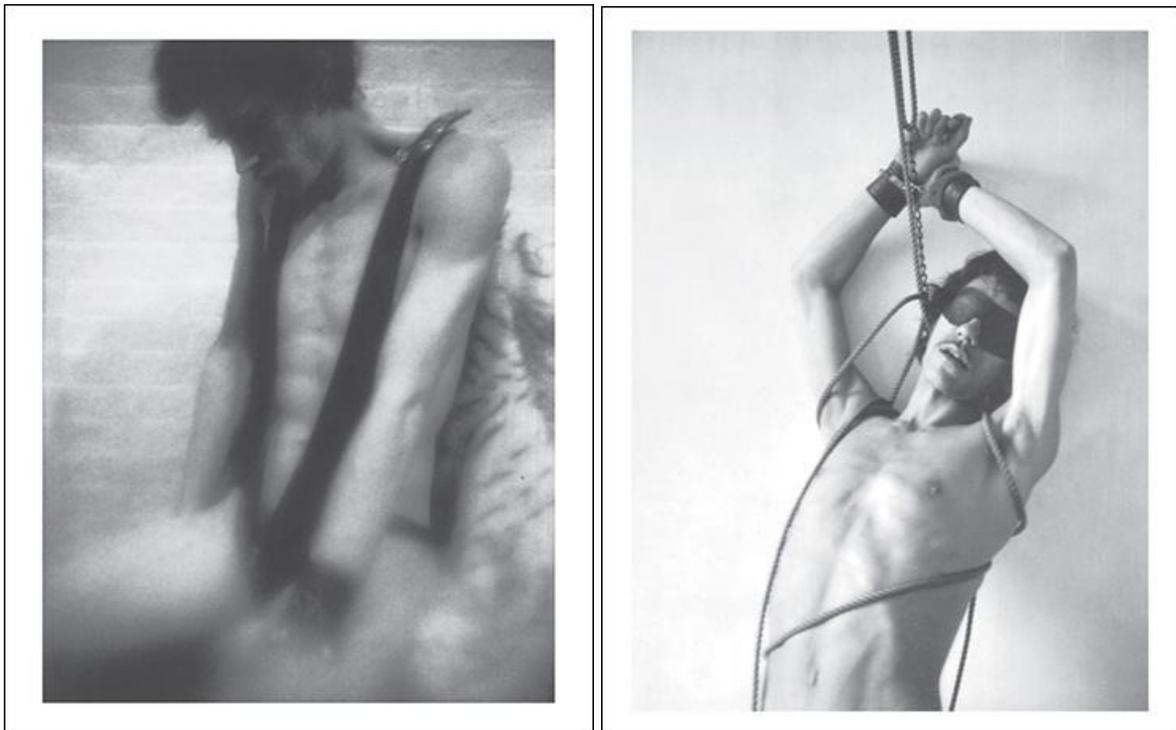
Baseado nos cânones da arte clássica, especialmente escultura, tirando fotos em alto impacto visual preto e branco, que por vezes adicionadas colagens com recortes de revistas pornôs: então ele construiu sua trilogia famosos "pênis, flores e rock and roll". – (Neto, 2020)

Mapplethorpe ficou famoso em Nova Iorque nos Estados Unidos, juntamente com sua ex-esposa Patti Smith, cantora ícone entre o movimento punk. A fotografia do Mapplethorpe retratava a estranheza, considerada na época como chocante e impactante por enquadrar a sua sexualidade, a liberdade sexual e a

experimentação, fotografava a cena gay, bdsm, mostrando o corpo masculino em destaque em suas fotografias.

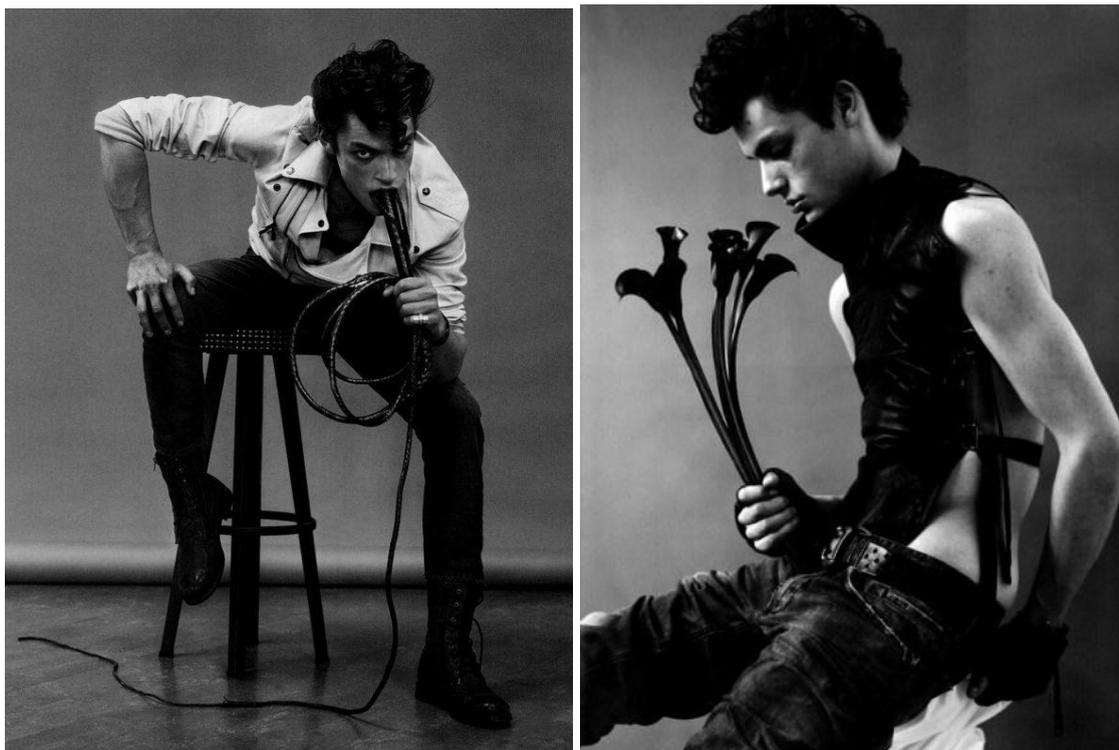
Eu não gosto dessa palavra em particular "chocante". Estou procurando o inesperado. Estou procurando coisas que nunca vi antes ... estava em posição de tirar essas fotos. Senti a obrigação de fazê-las. Robert Mapplethorpe

Figura 9- Polaroids Robert Mapplethorpe, 1973¹⁵



¹⁵ Figuras encontrada em: <https://www.vice.com/pt/article/7b78vg/polaroids-de-robert-mapplethorpe-dos-anos-70-que-encontram-os-nos-arquivos> acesso em 01 de fevereiro de 2023.

Figura -10 Robert Mapplethorpe (1984)¹⁶



O fotógrafo peruano radicado no Brasil Gianfranco Briceño que produz zines em São Paulo, as definindo como “ zine para quem gosta de misturar Robert Mapplethorpe com a fase clássica da Calvin Klein, os primeiros filmes de Gus van Sant com a Factory de Andy Warhol e o Sex da Madonna.”. Em suas publicações, duas obras se relacionam com a ideia deste projeto. A primeira a KCT, “uma fanzine que vai retratar sem censura a geração que vem fervendo por São Paulo no fim dos anos 2010.”.

¹⁶ Figuras encontradas em: <https://elpulphoto.com.br/mapplethorpe-guggenheim-pt/> acesso em: 01 de fevereiro de 2023.

Figura 11- capa da KCT -Zine¹⁷



FIGURA 12- Imagens da KCT ZINE¹⁸



¹⁷ Figura encontrada em: <https://www.catarse.me/kctzine1>. acesso em 01 de fevereiro de 2023.

¹⁸ Figura encontrada em: <https://www.catarse.me/kctzine1>. acesso em 01 de fevereiro de 2023.

Figura 13- lambe lambe da KCT Zine¹⁹



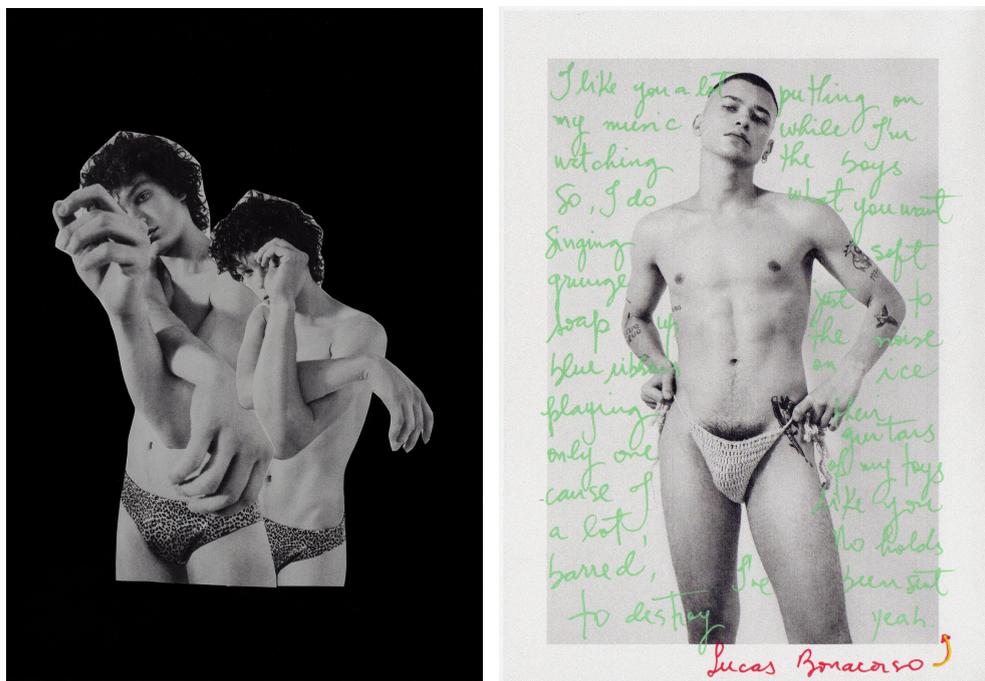
A segunda, a UNCUT, que por definição do autor se diz como um laboratório de experimentação fotográfica, este chegando a cinco edições. “A ideia aqui é focar nas vibrações de 20 modelos que representam a linguagem atual da moda - olhando para a estética cool dos anos 1990 atrás de uma reapropriação de atitudes”.

¹⁹ Figura encontrada em: <https://www.catarse.me/kctzine1>. acesso em 01 de fevereiro de 2023.

Figura 14- páginas da Uncut²⁰



Figura 15- Páginas da Uncut ²¹



²⁰ figura encontrada em: https://www.catarse.me/uncutfanzine4?ref=user_contributed acesso em 01 de fevereiro de 2023.

²¹ figura encontrada em: https://www.catarse.me/uncutfanzine4?ref=user_contributed acesso em 01 de fevereiro de 2023.

Por último, servindo como base de referência na área da fotografia e diagramação. O trabalho da Made in Brazil, uma revista dedicada a revelar novos fotógrafos, com grande relevância para o universo da moda, utilizada pelas agências de modelos para revelar novos *faces*, referente a novos modelos para ganhar visibilidade no mercado editorial. Dedicada somente a modelos masculinos, a ideia são ensaios semanais que são publicados no site, além de periódicos anuais, a revista em 2023 está com doze edições.

Figura 16 Revista Made in Brazil- fotógrafo Hugo Toni²²



Todas as publicações apresentadas serviram de embasamento visual para elaboração da Yag zine, a relevância dos trabalhos sobre a masculinidade, a KCT, pela fotografia bruta, nos relatos das relações da noite paulistana no olhar de alguém LGBT, o mesmo acontece na Uncut, mas com a ideia de ser fotografado no estúdio e aplicado colagens e interferências visuais nas fotos o que torna interessante e remetendo às origens das zines. A made in Brazil é interessante por ser uma publicação de moda e fotografia dedicada a corpos masculinos e com relevância na área.

6. Produto

Link do Produto <https://heyzine.com/flip-book/7cdcfc28e4.html>

²² Figura encontra em <http://madeinbrazilmag.com/2021/03/bernardo-branco/> acesso 01 de fevereiro de 2023.

6.1 Metodologia

Para a elaboração do projeto foi feita a escolha de produzir um produto, a zine fotográfica com entrevistas individuais, caracterizando uma pesquisa qualitativa com estudo de caso e documental. De início, a pesquisa foi voltada a buscar referências sobre os temas delimitados, sendo pesquisado em artigos e publicações.

Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista. Produz relatórios que apresentam um estilo mais informal, narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições fornecidos pelos sujeitos, podendo ainda utilizar fotos, desenhos, colagens ou qualquer outro tipo de material que o auxilie na transmissão do caso.” (GODOY, 1995, p. 26).

A elaboração do projeto constituiu de uma pré- produção com abordagens com homens gays, bi ou pans na intenção de ouvir seus relatos, diversidades e peculiaridades.

6.3 Entrevistas

Inicialmente houve uma abordagem com o intuito de pré selecionar histórias diferentes, para ter mais diversidade entre os entrevistados, nesse momento as perguntas feitas foram sobre as relações com o próprio corpo, sobre as relações com a comunidade lgbtqia+, mais especificamente sobre as relações com outros homens, já que o foco da zine é relatar sobre relações aquileanas.

Com a primeira abordagem foi obtido entrevistas interessantes, com personagens bem diversos como negros, gordos, trans, bi e gays. Durante o processo acabou ficando inviável a agenda de alguns, além do semestre conter vários feriados, jogos do Brasil na copa do mundo, recesso no natal e ano novo. Tiveram outros casos que toparam a entrevista, mas por vergonha não se sentiram à vontade para serem fotografados.

Na seleção final, 4 perfis, cada um com uma peculiaridade diferente, trazendo assim 4 temas abordados

- Matheus - Homem negro gay, sua fala é sobre a objetificação do corpo negro.

- Andrews - Homem branco gay, considerado polido, padrão na sociedade, sua fala é sobre padrões de beleza e estética.
- Vitor - Homem Branco gay, magro, sua fala é sobre insegurança diante padrões de beleza e saúde mental.
- Gu da Ceí - homem branco pansexual, aqui temos um relato mais diverso sobre arte, corpo e relações diversas.

6.4 Ensaios

Os ensaios foram realizados no estúdio da faculdade de comunicação da universidade de Brasília, durante o mês de outubro e novembro de 2022.

A ideia principal dos ensaios foi ser confortável para os entrevistados, sobre a estética punk, mas que cada um pudesse se expressar da sua maneira, a cultura punk é ser sobre ser divergente ao padrão. Por fim, a maioria se sentiu confortável e buscaram um lado mais sexy, o que remete às referências e pesquisas sobre masculinidade, nas maiorias das fotos pode ser encontrado um lado mais másculo deles, uma questão natural, intrínseca no imaginário, em querer não transparecer algum tipo de feminilidade.

Em relatos durante os ensaios, os participantes relataram que se sentiram empoderados, seja pela ideia de se sentir especial por ser observado pela câmera, ser retratado por alguém, além da criação da auto estima em se sentir bonito nas fotos.

As referências do fotógrafo Robert Mapplethorpe e Gianfranco Briceño, que buscam não a beleza estética necessariamente, mas uma certa estranheza que existe em cada um, algo natural, podem ser encontrada nas fotos, pelo flash utilizado e pelas fotos preto e branco trazendo esse enigma, essa estranheza.

Durante os ensaios foram utilizadas duas câmeras canons, a Cybershot e a T6, gelatinas coloridas e difusor no fresnel. Durante os ensaios tiveram participação na colaboração na produção de Estela Barros e Bruna Montes.

6.5 Projeto Gráfico

A ideia do projeto gráfico era referenciar as fanzines punks dos anos 70/80, depois da pesquisa bibliográfica e visual e seleção de 4 personagens, foi iniciado a produção, de início um moodboard que serviria como base:

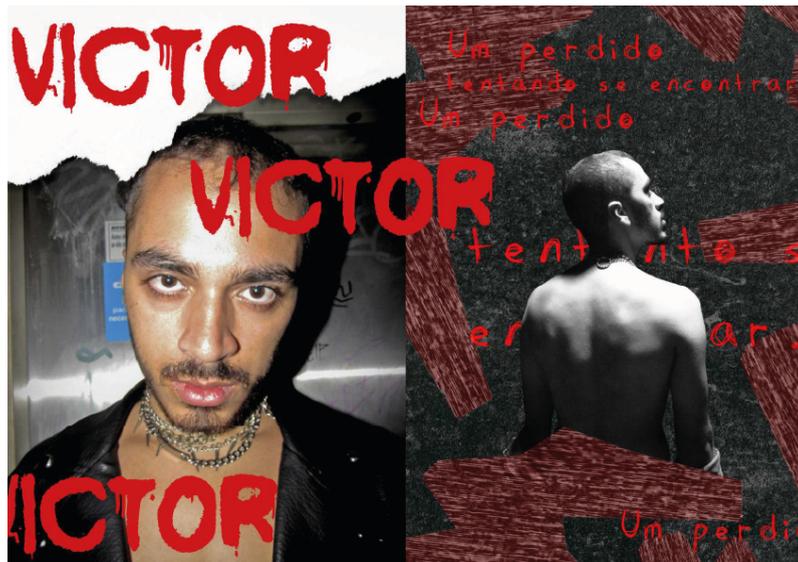
Figura 17 - Moodboard



Fonte: Própria, 2023

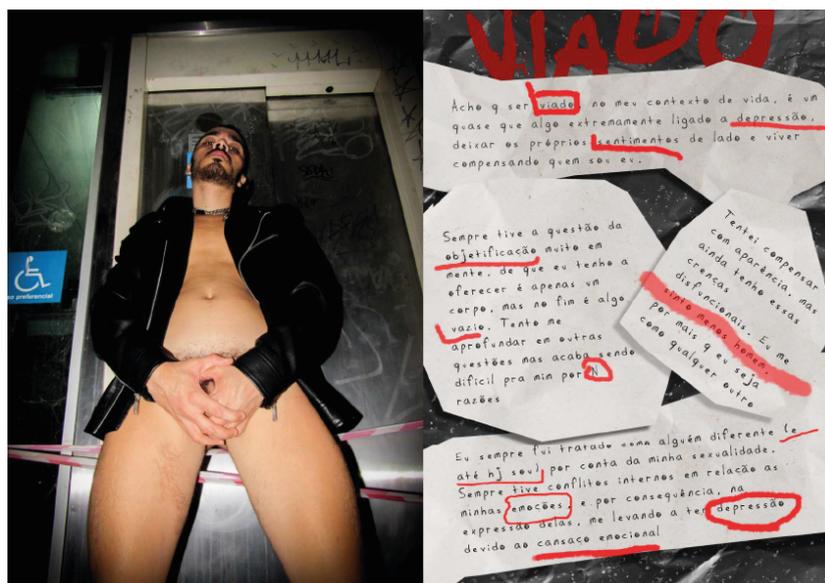
Na composição temos colagens, fontes tipográficas diversas com referências de rabiscos ou que remetesse a algo feito a mão, na paleta, o preto e branco predominante com cores saturadas pontuando em destaque, como o vermelho, o roxo e o verde. Durante o processo de aplicação o resultado ficou tendencioso, algo obscuro, que recordava ao halloween, não funcionando para o objetivo da zine.

Figura 18- versão inicial.



Fonte: Própria, 2023

Figura 19- Páginas da versão inicial



Fonte: Própria, 2023

Na segunda versão a ideia foi o inverso criar algo mais colorido, menos pesado, mas acabou fugindo da proposta e alguns elementos acabaram ficando artificial por não terem sido feito de forma “DIY” e sim manipulado no photoshop.

Figura 20- Segunda versão



Fonte: Própria, 2023

Figura 21 - Capa segunda versão



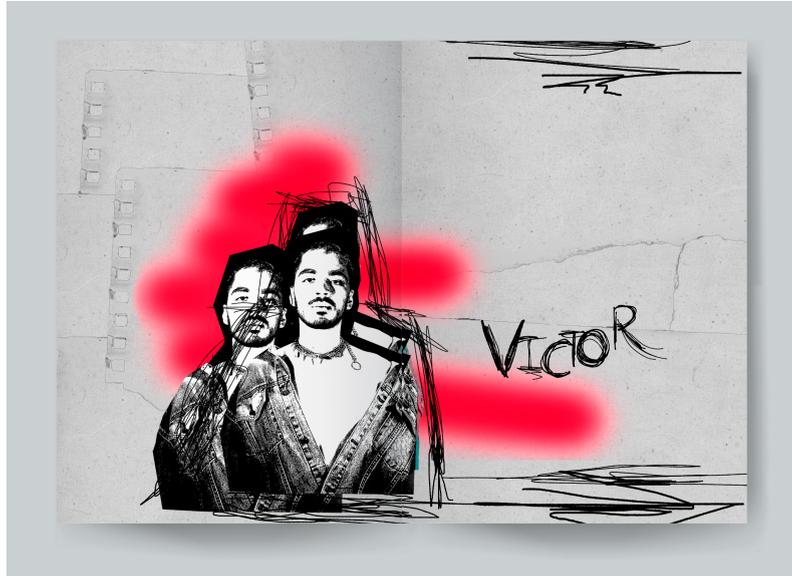
Fonte: Própria, 2023

A terceira versão do projeto acabou utilizando de elementos que funcionavam nas versões anteriores como colagens, mas dessa vez com predominância do preto e branco, como as fanzines de referências dos anos 70.

A ideia era também trazer as cidades em que os personagens viviam como fundo. A cidade tem papel importante para a formação como indivíduo, a

arquitetura, muros e casas fazem parte da composição da vivência, além do espaço urbano periférico ser parte do universo punk.

Figura 22 - Versão 3



Fonte: Própria, 2023

Figura 23- versão 3 página



Fonte: Própria, 2023

Figura 24- Versão 3 página



Fonte: Própria, 2023

Figura 25- Versão 3 página



Fonte: Própria, 2023

No processo de elaboração da zine, foram divididos em 4 capítulos, cada um abordando um personagem, iniciado com capas composta com colagem de papéis, rabiscos e a foto do modelo em destaque com efeito limiar, trazendo a

referência de xerox, algo sujo, quase perdendo a forma original da imagem preto e branco e o toque de cor pela spray vermelho ao fundo da colagem.

Nas páginas seguintes se encontram outras imagens que foram editadas com o efeito limiar, com fundo preto desgastado, com um papel rasgado e alguma frase que foi escolhida pelo entrevistado, esta parte se repete nos 4 capítulos.

Em seguida temos parte da entrevista, de textura de papel, rabisco e o texto das entrevistas, com a fonte remetendo a máquinas de escrever, outra referência que era utilizada em muitas fanzines dos anos 70/80, mais rabiscos e colagens na composição.

Nas páginas seguintes dos capítulos são dedicadas aos ensaios fotográficos, de fundo as cidades do entrevistados, para a composição utilizei o próprio google maps, com efeito limiar, trazendo esse contraste do que era feito nos anos 70 mas com a contemporaneidade de uma colagem moderna, na composição tem fotos dos modelos em preto e branco finalizando a composição.

Para elaboração da capa, folha de guarda e apresentação, foram feitas a mão e posteriormente digitalizadas, também aplicado o efeito limiar ou preto e branco. para elaboração da capa foi feita com spray preto e caneta esferográfica, o mesmo ocorreu com a folha de apresentação elaborada com caneta e colagens de revistas.

7. Considerações finais

No início, o universo das fanzines e do punk eram desconhecidos e a pesquisa sobre o tema foi essencial para as escolhas estéticas para a produção da zine. Entender as siglas e termos foi um passo importante para entender melhor o funcionamento destas subculturas, mas que dificulta o entendimento para um público maior.

Durante o processo se entendeu que esses grupos aparentemente distintos, o punk, fanzines, lgbtqia+, tinham pautas em comum. Como a busca por visibilidade e luta pelo direito de viver no meio desse sistema patriarcal e capitalista que vivemos.

Destaco que a pesquisa sobre a comunidade lgbtqia+ não é algo novo, durante a pesquisa encontrei vários artigos de pesquisadores locais, da própria Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, e também pelo Brasil, o

que é relevante e importante perceber que existem pessoas pensando nessa comunidade que é diariamente violentada, destaco o papel desta zine como uma pequena forma de contribuição dessa temática.

Na produção da zine, foi prazeroso colocar em prática a fotografia e a direção de arte, todo o processo foi gratificante e enriquecedor, como a organização dos ensaios fotográficos e criar algo fora do comum do ambiente de trabalho, que geralmente pedem artes digitais tradicionais. Fazer a zine punk foi produzir uma revista experimental sem regras, a liberdade artística foi essencial para conseguir sair um pouco dos clichês de criação de identidade visuais.

Por consequências da covid 19, o segundo semestre de 2022 ocorreu no final de 2022 e se estendendo ao início de 2023, dificultando a execução deste trabalho, alguns tópicos poderiam ser aprofundados como tipografias e ilustrações das fanzines, na temática punk a própria música como manifestação de demandas e ideias da periferia, e outras abordagens dentro da própria cultura lgbtqia+, podendo dar visibilidade a histórias e vivências diferentes.

Durante o processo deste projeto o questionamento sobre as relações aquilianas, termo não popular para se designar as relações entre 2 homens, o produto tentou retratar não relações em si e sim os traumas, relatos individuais sobre a masculinidade, fazendo alguns recortes de cor por exemplo, ou como estar fora do padrão de beleza te deixa inseguro. Além do relato fotográfico dos participantes e como seus corpos são expressão, seja uma hipersexualização ou hiper masculinidade, esses são os retratos das relações diante do ambiente social, o personagem criado pela vivência de cada um para sobreviver.

Para próximos projetos temas como a hiper masculinidade e hipersexualização de homens lgbtqia+ podem contribuir para entender melhor esse universo, além de dar visibilidade a homens afeminados, que ficaram de fora deste projeto nos ensaios, mas podendo ser feito em futuras pesquisas, sendo relevante suas perspectivas sobre a temática.

8. Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

BAPTISTA, Rafael Ferraz. **Masculinidades em Aplicativos de Encontros Gays: Análise da Negociação das Masculinidades e da Auto-Representação dos Corpos**. Universidade Federal de São Carlos, 2018.

BIVAR, Antonio. **O que é punk**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CELA, G. C. A. **Do diário gráfico à zine: percurso de potencialização de uma linguagem visual**. 2021. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

DUNCOMBE, Stephen. **“Notes from Underground: Zines and the Politics of Alternative Culture”** Microcosm Publishing; 3rd ed. edição, 2017.

GALLO, Ivone. **Por uma historiografia do punk**. Projeto História (PUCSP), v. 41, p. 298-308, 2010.

Godoy, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. **Revista de Administração de Empresas**. Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/20595>>. Acesso em: 01 de fev. de 2023

Carlos, Giovana Santana. GELAIN Gabriela Cleveston. **Fanzine e subcultura punk: produção, consumo e identidade na cena brasileira**. Vozes e diálogos. 2018

HOLANDA, Fernando Rodrigues de Barros. **Arena subversiva: retratos da nudez homossexual masculina**. 2019. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é Fanzine**. São Paulo, 1993.

MONTEIRO, Isabella. **Meu Querido Armário: Fozine sobre a saída do armário na vida de pessoas LGBTQIAP+** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2022

NETO, Felício Monteiro. **ROBERT MAPPLETHORPE; PORTFÓLIO X E O OBSERVADOR COMO FERRAMENTA DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA**. Universidade Europeia, 2020.

O'HARA, Craig. **A filosofia do punk: muito mais do que barulho**. São Paulo: Radical Livros, 2005.

RIBEIRO, J. K. A.; COSTA, J. C.; SANTIAGO, I. M. F. L. **Um Jeito Diferente e “Novo” de Ser Feminista: Em Cena, o Riot Grrrl**. Revista Ártemis, [S. l.], v. 13, n. 1, 2012.

SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário**. Cadernos pagu, Campinas, v. 28,

n. 1, p. 19-54, 2007.

SHALAB ALSHAM, Dana. **The Public: an introduction to zines.**

TAVARES, Júlia de Lannoy Coimbra. **Ambulatório: atenção especializada às pessoas travestis e transexuais do Distrito Federal: um documentário em curta metragem.** 2019. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.